

A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA CONFSSIONAL PRESBITERIANA EM CHAPADA DOS GUIMARÃES (1923-1948)

Lucas Paulo de Freitas
lc_ufmt@hotmail.com
GEM-UFMT

Elizabeth Figueiredo de Sá
bethfsa@uol.com.br
GEM-UFMT

O trabalho, de natureza historiográfica, busca contribuir para a história das instituições escolares a partir dos subsídios de Paulo Nosella e Ester Buffa (2009). Tem como objetivo analisar a implantação do colégio Buriti ressaltando o esforço confessional protestante de linha presbiteriana em se estabelecer numa época de forte resistência à presença protestante em Cuiabá por parte da Igreja Católica. O período delimitado vai de 1923 a 1948, ano da fundação do colégio até 1948, período em que o casal Homero e Edith Moser, missionários agrônomos, estiveram na direção da instituição e procuraram oferecer a alfabetização e ensino de natureza profissionalizante. Houve um projeto educacional presbiteriano fazendo contraponto à resistência católica que perdia a hegemonia como instituição escolar e a paulatina abertura da sociedade cuiabana na para ensino confessional protestante. Um dos pioneiros presbiterianos em Cuiabá, Rev. Philip Landes, responde em jornais à uma série de artigos católicos que atacava iniciativa evangelística e educacional dos protestantes como eivadas de “imperialismo”. O colégio Buriti funcionou de 1923 a 2003 em Chapada dos Guimarães e recebeu, ao longo do seu funcionamento, muitos alunos da capital e de todo o estado. Os arquivos foram abertos para pesquisa, sendo este principal repositório de fontes documentais, como atas, cartas, fotos, plantas, ofícios, etc.; sendo considerados também os acervos do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT e do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR. O Colégio Buriti foi estabelecido pela *Central Brazil Mission* (CBM), agência missionária da *Presbyterian Church Of America*, igreja precursora na implantação do presbiterianismo no Brasil. Nesta fase da história nacional, havia crescente influência dos Estados Unidos sobre América Latina, e parte da propaganda anti-protestante denunciava agências missionárias como braços dessa influência. Por outro lado, setores liberais em nosso país saudavam a proposta educacional protestante como moderna, desejável e necessária para tirar o Brasil do ineficiente quadro da educação pública que se arrastava desde o império. No contexto desse embate ideológico é que nasceu a primeira escola primária protestante de Cuiabá, que depois foi transformada no Buriti.

Palavras-chave: instituições escolares, presbiteriana, educação.

O artigo traz alguns dos primeiros resultados de uma dissertação de mestrado junto ao Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória – GEM. Sob um ponto partida da história cultural, buscamos compreender como se deu a iniciativa educacional presbiteriano em Cuiabá, apoiados também nas contribuições da história das instituições escolares. O cenário nacional ainda carece de trabalhos mais freqüentes que analisem o confessional (espírita, católico, reformado, etc.). Pesquisas na área, realizadas ao longe de vinte anos na pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, trazem à luz ricas informações sobre instituições católicas e educação em geral, porém há como que um apagamento do assunto em relação ao protestantismo. Cuiabá, Chapada dos Guimarães, Rosário do Oeste, Alto Paraguai são cidades que na primeira metade do século XX receberam forte influência educacional reformada em contraste com a tradicional educação católica. Em Mato Grosso a primeira igreja de matiz reformada a estabelecer um projeto escolar na capital foi, em 1917, a Igreja Presbiteriana, anunciando uma “escola americana de Cuiabá” nos moldes da “escola americana de São Paulo”, hoje a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Os primeiros contatos com as fontes mostram que tal projeto teve uma fase mais curta, de 1919-1923, como uma escola primária em Cuiabá; e uma mais longa, na fazenda Buriti em Chapada dos Guimarães, ofertando primário e ginásio de 1923 a 2003; nesses anos a escola fechou as portas de 1948-1951. Em 1952 reabriu, vindo fechar definitivamente em 2003. Deste intervalo da segunda fase elegemos os anos de 1923-1948; buscando compreender os contextos de sua implantação/consolidação da iniciativa educacional protestante diante da aclamação de setores liberais republicanos e da aversão de expoentes católicos/conservadores.

Embora o debate entre essas correntes não seja nosso foco, é importante como cena de fundo por que obtém crescente simpatia da opinião pública para com o protestantismo numa sociedade local que há pouco deixara o padroado, mas que tinha como governador um bispo católico; tal simpatia irá atrair público escolar na capital e em Chapada. A irmã do Rev. Landes, Mand Landes foi diretora da escola americana de Cuiabá, de 1917 a 1919 aproximadamente, que depois é continuada no Buriti. O arquivo escolar do colégio ainda não tinha recebido nenhum tratamento arquivístico, assim a pesquisa abrange também o desafio de localizar, organizar, preparar e digitalizar o acervo.

O arquivo da Escola Buriti

Até o momento nenhuma produção acadêmica sobre educação presbiteriana em Cuiabá foi localizada. Sobre o Buriti encontramos uma monografia de conclusão de curso de História na UFMT (BRANDÃO, 2008), porém seu autor apenas se propôs “elaborar um catálogo” diante da quantidade e estado dos documentos. Assim a localização e tratamento das fontes são fundamentais para o andamento de nosso trabalho. A abordagem historiográfica é feita a partir de documentos que estão sob guarda da Fundação Buriti, em

Chapada dos Guimarães. O período delimitado inicialmente nos leva aos arquivos guardados na antiga escola; embora o antigo registro escolar de 1976-2003 esteja sob supervisão da Assessoria Pedagógica do Estado em Chapada. Na Fundação, boa parcela deles está acondicionada em caixas plásticas tipos polionda misturadas a outras caixas semelhantes de papelão. Todas são numeradas e com uma indicação de seu conteúdo, mas cedo percebemos que tais indicações não eram pistas seguras. O local é precário, sem condições de guarda, consulta ou tratamento de arquivos; na verdade estão onde funcionava a secretaria e recepção da escola, mas a situação desde o encerramento das matrículas vem deteriorando e comprometendo a preservação dos documentos. O estado geral dos documentos é bom, embora sejam visíveis sinais de degradação que nos casos extremos comprometem a leitura; muitos deles causados por fatores humanos, como cliques, grampos, etc., daí a importância de higienizar o arquivo. Felizmente são casos raros e isso tem viabilizado o andamento da pesquisa, dada a chance de recuperar a maioria do acervo.

Resolvidos os aspectos legais com representantes da Fundação Buriti, foi acordado trazer aos poucos todos esses documentos para o GEM/UFMT, onde são submetidos a uma pré-triagem, de modo a reunir aqueles documentos que contemplem o período estudado e separados para catalogação precisa por ano e teor do documento (atas, ofícios, mapas, declarações, etc), e em seguida digitalizados. Documentos de outros períodos são examinados, higienizados e separados para digitalização posterior. Ao final do processo a intenção é elaborar catálogo sistemático do acervo digital, o qual seria o primeiro de uma instituição protestante a ser ofertado ao público, junto com os demais já disponibilizados pelo GEM. Os originais catalogados e higienizados serão devolvidos a Fundação Buriti para armazenamento noutro local mais adequado. É um procedimento lento, em razão das poucas pessoas envolvidas e falta de aparato tecnológico mais profissional. Com participação em editais específicos esperamos contornar esses percalços e acelerar a limpeza e a migração dos documentos para suporte digital e posterior oferta *on line*.

Há também várias fotografias, plantas, mapas, itens de mobília, de laboratório fortalecendo a noção de “documento” para além do registro administrativo em suporte de celulose. Comentado sobre as fontes e ausência delas, Le Goff (1992, p.540) defende que “tudo o que demonstra a presença, a atividade, os gostos, e as maneiras de ser do homem” são fontes possíveis para a história. Mesmo que nem todas venham a figurar como fontes da dissertação final, outros registros além do escrito o serão. Nossa preocupação não é a inexistência de fontes, mas estar alerta para a tendência em se supervalorizar o escrito.

Este é um aspecto distinto de instituições confessionais, o registro escrito, embora a preservação e consulta por gerações futuras nem sempre. Como bem o assinalam Nosella e Buffa, ao comentarem sobre o apreciar das fontes sob um viés da Escola dos Anais, “o

documento escrito, se existir, é sem dúvida, uma fonte a considerar, mas há outras fontes mais preciosas. É o próprio conceito de fonte que se amplia.” (2009. p.61). Encontramos, por exemplo, vários documentos relacionados com os primeiros anos de funcionamento da escola e os atores dessa fase; porém todos estão em inglês. As várias tentativas de catalogação, perceptível por etiquetas sobrepostas nas mesmas caixas, indicam que apenas foram classificados como “correspondências em inglês”, contudo sem um exame do que exatamente está escrito. Nossa consulta a esse material mostrou que há registro de atividades escolares; e outros são correspondências particulares ou mesmo relatórios de outras instituições semelhantes, mas muito distantes de Cuiabá, que em comum com a escola Buriti tinham apenas a entidade mantenedora, no caso, a *Brazil Central Mission*. Noutras palavras, foram preservados pelo registro escrito, embora não pareça que alguém tenha alguma vez tomado conhecimento do que neles se registrava. Certamente o idioma foi obstáculo; mas daí nos perguntamos: se nem mesmo era compreendido, por que foi preservado? Nossa resposta é que o foi mais por ser um “documento escrito”, já que seu teor não parecia ser claro a todos que eventualmente atuaram na construção do acervo da escola.

Mesmo assim, diferente das instituições públicas onde ventos administrativos alocam e removem gestores o tempo todo, dificultando políticas duradouras, mesmo que incipientes, de arquivos escolares; as instituições escolares confessionais buscam manter, ainda que longe do ideal, um arquivo. É notória a percepção que tal acervo pode contribuir para novas e melhores leituras da instituição sobre si mesma; por princípio, tudo o que é produzido deve ser guardado. Infelizmente, quando mais distante no tempo está o pesquisador da data em que o documento foi incorporado ao acervo, somadas às condições de preservação, menor é a chance de reconstruir uma memória histórica que retrate a instituição. Mas sabemos que a “exata” reconstrução histórica escapa aos mais minuciosos pesquisadores. Certeau alerta que o historiador não consegue alcançar fato histórico, mas apenas “os sucessivos estágios de sua perda” (2010, p. 34).

Talvez essa preocupação com futuras leituras de si mesma por parte da instituição justifique um rico acervo de natureza contábil encontrado entre as fontes. Doações, impostos, direitos trabalhistas, balanços de tesouraria, entre outros. Muitos deles meticulosamente registrados à mão; e vários desses registros ainda são anteriores ao reconhecimento da escola por parte do poder público. Se não com a leitura de si mesma, a manutenção desses arquivos ao longo de quase um século mostra pelo menos a preocupação com a leitura que a sociedade venha a fazer da instituição em várias épocas. Ainda que sem política atual sobre arquivos, a Fundação foi acessível desde o ante-projeto do mestrado, no sentido de permitir livre acesso as fontes.

No tratamento do acervo encontramos na íntegra um breve histórico da escola redigido por um professor do Buriti, Melanchton Sheffder, que foi utilizado nesse artigo. O mesmo documento está publicado num *site* que promove turismo em Chapada dos Guimarães. Nos dois casos não foi possível ainda recuperar quando foi redigido; mostrando que o desafio ainda é grande mesmo tendo acesso ao acervo. Felizmente existem outras fontes, como jornais as quais também vão sendo incorporadas no desenrolar da pesquisa; e permitem recuperar algumas informações do contexto em que atuaram alguns personagens em fase que antecede a fundação do colégio.

Breves considerações de Landes como intelectual

Além do trabalho pastoral, a partir de 1915 logo nos primeiros anos em Cuiabá Landes se fez conhecido pela série de artigos que fez publicar no jornal *O Mato Grosso*, denominada “resposta a um artigo de ‘A Cruz’”. Esta série foi continuada depois, quando da inauguração do jornal *A Penna Evangélica*. Do primeiro periódico, várias edições estão disponíveis acervo digital da Biblioteca Nacional. Da *Penna Evangélica* ainda não há informações sobre digitalização. As primeiras edições ou se perderam ou não há informações claras de onde estariam preservadas. Alguns números de 1926 estão no acervo da Casa Barão de Melgaço, em Cuiabá; mas até a redação deste artigo ainda não estavam acessíveis.

Edições incompletas a partir de 1928 estão no acervo de microfilmes do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Em artigo analisando especificamente o debate entre protestantes e católicos em Cuiabá nesse período, Gonçalves (2010, p. 172), comenta que no Arquivo Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil, em São Paulo, há uma coleção impressa do *Penna Evangélica*, mas não informa se tal coleção é completa. Como o período de implantação do presbiterianismo em Cuiabá é a fase literária mais profícua de Landes; analisamos alguns de seus artigos publicados no *O Mato Grosso* para um levantamento parcial de sua atuação como intelectual, a fim de lançar algumas luzes sobre que modelo de pensamento esposava o desbravador protestante.

Nesses artigos a maioria está publicada apenas com o título da série. Na edição nº 1318 há uma notação diferente das anteriores “Resposta Ao Terceiro Artigo De ‘A Cruz’”, essa alteração aparece como “Resposta Ao Quinto Artigo de ‘A Cruz’”, na edição nº de 1320. Ambas são de 1915. Há também vários subtítulos, começando com “Em Que Diferem Os Católicos E Protestantes” depois “a Moral Protestante”, “Infalibilidade Pontifícia – Que Bela Unidade”, “Princípio De Autoridade”, “O Caso Do Papa Honório”; “ O Fracasso Da Infalibilidade Papal” , “Ainda O Celeberrimo Honório”; “O Papismo A Luz Da História”, “ O Santo Padre Honório”; “As Contradições Do Papismo”, “O Papado A Luz Da História”, “Incoerências Da Doutrina Papal”, “A Derrota Do Papismo” , “Conseqüências Do Cativo De Avinhão”, “O Sacrifício Da Missa”, “A Missa E O Purgatório”, “A Eucharistia E A

Transubstanciação”, “A Confissão Auricular E A Bíblia”, “A Confissão Auricular E História”, “A Confissão Auricular E Os Fatos”, “O Matrimônio E O Romanismo”, “Sacramentos Espúrios”, “A Origem Do Protestantismo”, “Lutero e a Igreja de Roma”, “Calvino e Zwinglio”, “As Variações Do Protestantismo E Os Santos”, “A Árvore E Os Frutos”, “O Protestantismo Perante Os Fatos”, e “Conclusão”.

Ao todo, o debate nesse periódico durou de 1915 até 1916, começando em 07 de novembro de 1915, edição nº 1316; a “Conclusão” circulou na edição nº 1358, de 03 de setembro de 1916. Nos últimos artigos a partir da “Confissão Auricular”, mas não em todos, Landes retoma uma prática comum dos jornais da época, que era a de publicar excertos ou até matérias completas de outros periódicos em suas colunas. Nestes artigos acrescentou material das “Conferências Religiosas” do ex-padre cearense Antônio André Lino da Costa, que se tornou ministro presbiteriano. Reunidos para esta pesquisa, a partir do acervo da Hemeroteca Nacional (<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>), os artigos somam 50 páginas, incluindo outros assuntos nas páginas onde eram publicados.

Esses artigos demonstram basicamente duas estratégias de argumentação de Landes, bíblico-teológica e teológico-histórica. Conforme o teor de cada artigo, ele se valia mais de citações de algumas passagens bíblicas e várias citações de autores relacionados à Patrística ou Escolástica. Noutros usa manuais de história geral ou da religião e estatísticas de censo e outra pesquisas. Além desse esquema de argumentação; é notável que Landes se proponha a refutar, sozinho, não somente aos artigos do jornal romanista; mas toda uma equipe de redatores, ao passo que ele sozinho esclarecia a posição reformada. Por mais que houvesse sentimentos anticlericais entres os intelectuais cuiabanos, estes ou não queriam ou não estavam à altura dos redatores de *A Cruz*; e ninguém parece ter feito oposição no exatamente no campo onde a oligarquia católica alegava supremacia: o campo religioso.

Essa batalha verbal não seria aceita por Landes se não tivesse preparo intelectual e novos elementos a contribuir para a campanha. Ao menos nos parece altamente improvável que estando só, sem tipografia; num campo pioneiro aonde chegara há menos de um ano e sem um igreja organizada que Landes fosse consumir tempo e recursos numa empreitada para a qual não estivesse qualificado. Quando visto à luz da reconfiguração católica que se apresentava, fica mais fácil apreciar o projeto de Landes. Este não estava digladiando pena com jesuítas que para cá vieram curar tuberculose. Em lugar disso, eram ordens missionárias católicas engajadas, atualizadas com as orientações da sé romana pra combater os “males” do protestantismo. Landes qualifica os redatores/opositores em vários artigos como “ultramontanos”; estes se opunham aos galicanos, historicamente, um grupo de orientação francesa e mais liberal dentro do catolicismo.

Dessa arena intelectual não se pode inferir, sem ser simplista demais, apenas o viés apologético ou o “direito de resposta”. Em lugar disso, conciliando teoria e prática, discurso e método, Landes tentou agir de acordo com o princípio reformado de que todo o mundo é “palco da glória de Deus e Sua soberania” e entendeu o campo dos periódicos como uma área dessa atuação. Por exemplo, o polemista não foi o único gênero publicado por Landes em periódicos. Ele publica relatório de suas visitas evangelísticas, suas impressões das condições escolares dos locais por onde passava. Numas dessas visitas, comenta sobre a indicação de um novo professor para o povoado de Barra do Bugres (*Penna Evangélica*, nº 126, 07/09/1929). Escreve estar impressionado com o discurso “O Valor da Instrução” do professor Heitor da Silva Santos, recém-nomeado pelo governo do Estado.

Nesse artigo Landes narra também a visita que fez à escola do mesmo professor, as boas impressões da limpeza, organização, material pedagógico, a falta de mobília adequada para caligrafia e a participação da uma professora auxiliar, Maria Borges Quidá. O professor Heitor poderia “ocupar com distinção e brilho a cadeira de francês do Liceu Cuiabano”, de quem Landes também ouviu o comentário de “não competir a um moço preparado como é o sr. Heitor estar ensinando o “abc” a criancinhas”. Desta crítica Landes escreve: “repliquei que as almas verdadeiramente grandes sabem dedicar-se as tarefas mais humildes, enobrecendo-as e enaltecendo-as.” Esse artigo é de Barra do Bugres, de 20/08/1929, enviado para a redação que fez publicar o pedido de Landes junto do artigo “peço a redação da “Penna” fazer a transcrição das minhas impressões de visita, como registrei no Livro da Escola da Barra destinado a esse fim”.

A percepção da Bíblia como fonte última de autoridade e necessidade de investigação por parte do teólogo aparecem em manuais de teologia, obras conhecidas entre teólogos presbiterianos como “Teologia Sistemática”. Uma delas, usada no tempo de Landes na Universidade de Princeton e hoje traduzida, de autoria de Charles Hodge, traz logo no seu primeiro capítulo uma pista do que representava “a filosofia do senso comum escocesa” para um aluno egresso de Princeton: “a Bíblia é um sistema teológico não mais que a natureza é um sistema químico ou mecânico... contém verdade que o teólogo precisa coligir, autenticar, organizar e demonstrar sua relação natural umas com as outras.” (Hodge, 2001. p 1).

Em resultado de um berço intelectual assim, os missionários nunca se negavam a polemizar, no discurso ou no registro, sobre a sua fé; sempre sob a condição de que todas as verdades sobre a religião fossem comprovadas unicamente pela Bíblia. Ribeiro resume o impacto entre polemistas católicos dessa estratégia na pregação protestante:

os líderes católicos brasileiros deixaram-se envolver, e com esperteza pouco produtiva, recorreram aos expediente das “Bíblias Falsificadas”, em que impugnavam as edições das Sociedade Bíblicas, por que não incluíam os Apócrifos; proibiam sua leitura e as queimavam em público. Os evangélicos, que passavam a ter a vantagem do martírio, alegremente convocavam à arena

a “Bíblia Católica”, para usá-la como fonte de verdade... o resultado era arrazador (sic), contra o polemista católico, já então de todo enleado na malha tecida pela autoridade infalível da Bíblia, combinado com o método de pesquisa empírico-indutiva, que só admitia ao debate fatos bíblicos, i.e., textos.” (Ribeiro, 1991, p. 197)

Conseqüentemente, Landes estava preparado, qualificado e podemos antecipar que até desejoso que houvesse querela dessa natureza em que pudesse se engajar, como de fato o fez; sempre com base na Bíblia e com análise indutiva no campo bíblico e histórico-teológico. Sua garra, entretanto, não oculta sua diplomacia intelectual. Ansioso, por certo, de obter espaço entre o crescente público leitor dos artigos protestantes, Landes teve o cuidado de evitar ataques diretos ou pessoais. Antes de redigir seu jornal denominacional, Landes teve chances de polemizar brevemente com D. Aquino Correa, que parecia reconhecer ou retribuir à cortesia parlamentar de Landes na forma como as duas orientações se enfrentavam nos discursos de seus representantes máximos na capital cuiabana. Landes compara conduta intelectual do bispo com a dos demais articulistas:

Elogiamos e apreciamos.... sua delicadeza e o seu modo inofensivo de combater o protestantismo “em these”, sem ofensas pessoais. Si os redactores d’ “A Cruz”, seguissem o exemplo de seu talentoso e dedicado bispo, a nossa discussão, de ambas as partes, tornar-se-ia muito mais proveitosa para os nossos leitores

Mesmo que Landes não tenha se envolvido diretamente com o colégio Buriti logo nos anos iniciais, sua atuação em Cuiabá como polemista, ajudou a forjar uma expectativa do tipo de contribuição educacional que os protestantes poderiam trazer; especialmente por que toda essa polêmica se dá antes do colégio Buriti abrir as portas em 1924.

O Colégio Evangélico Buriti

Sua iniciativa na verdade é anterior à chegada de Landes em 1915; era uma ação da *Central Brazil Mission*, a qual enviou seu missionário pioneiro em 1912, Rev. Franklin Graham, numa viagem a cavalo da Bahia até a Bolívia, buscando lugares com topografia, salubridade, potencial urbano nascente ou instalado, e as carências da população que justificassem a criação de sub-sedes da Missão. Em ata do mesmo ano, a Missão fizera constar a instrução que esta sub-sede seria no modelo da estação de Ponte Nova, na Bahia. A fazenda (imóveis Buriti e Monjolinho) foi escolhida, cujos donos eram a família Siqueira de Chapada dos Guimarães (Scheffder, s/d). Comprada em 1919 pelos missionários George Landes (pai do Rev. Philippe Landes) e Adam Martin.

Depois a Missão recebeu reforço de um brasileiro filho de missionários norte-americanos, nascido em Botucatu, o Rev. Philippe Landes. Fluente tanto em português como inglês chega a Cuiabá em 1915, e em 1916 vai atuar no Colégio Liceu Cuiabano, como professor interino de inglês, além de sua ação pastoral e na imprensa, que foi descrita

brevemente acima. O projeto educacional ganha contornos quando, em 1917 sua irmã Maud Mary Landes, de quem pouco mais sabemos além do nome (PHS, 2012), vem para atuar na área educacional, fundando uma escola primária que três anos mais tarde é transferida para o Buriti. Santos (2010) citando Cabral (2000, não publicado), informa que as próprias filhas do governador Gal. Caetano de Faria foram alunas dessa escola, recebendo lições bíblicas e de inglês.

De acordo com Scheffder (s/d), o casal Moser (Sr. Homero e D. Edite Mosar), chegou em 1923, tendo início as aulas em 26 de maio do mesmo ano. Desse primeiro ano participaram “Sr. Alcebíades Arruda, Elias Dias e Manoel Diomedes (...) e D. Rita Gonçalves de Oliveira que morava com o casal Moser.” (Scheffder). O casal cuidava da escola e da fazenda, uma vez que o Sr. Moser era agrônomo (MATOS, 2012) enquanto Landes atuava na capital e baixada cuiabana e o Rev. Adam Martin circulava pela região consolidando igrejas presbiterianas inauguradas, continuando com a ação evangelizadora. Nessa época, a escola tem como endereço de correio a Caixa Postal 41 em Cuiabá. Em 1927 Annie Hastings veio para atuar na escola, onde permaneceu pôr treze anos, inclusive plantou os 2 buritis gêmeos, posteriormente um dos símbolos da Escola. Ainda em 1927 chegou o Sr. Kurt Freygang, atuando de 1927 a 1935 e depois de 1951 em diante. Em 1929 foi construído o sobrado, único na região durante certo tempo e outro símbolo da escola.

A proposta da escola sempre foi inclusivista, inicialmente acolhendo filhos dos evangélicos e adultos que procuravam alfabetização. Porém a escola sempre recebeu a todos, independente da confissão religiosa ou classe social, firmando sua missão de ação social evangelística. Segundo Santos (2010); essa proposta tencionava “reproduzir em Mato Grosso as experiência do Instituto Cristão de Castro.... escola profissionalizante agrícola fundada pela mesma missão alguns anos antes... O objetivo era ter no local, além do evangelista-pastor, o educador, o agrônomo e o médico”. Atuar na fazenda era a forma como os alunos “pagavam” estudo e moradia; trabalhando. A produção supria praticamente tudo de que a Escola tinha necessidade; e o excedente era vendido na capital onde já havia clientela cativa dos produtos da escola, como “produtos burutienses, como a manteiga, o leite, os queijos, as rapaduras e as laranjas”.

Entre 1948 e 1951 a escola interrompeu as atividades por causa da dificuldade de comunicação com a capital (queda de pontes e de barreiras). A falta de cooperadores também contribuiu. Muitos parceiros vinham da Primeira Igreja Presbiteriana de Cuiabá (Segundo Scheffder: o Rev. Augusto Araújo e D. Júnia Serra D. Elza Dias, D. Tabita Dias, Rev. Eudes Ferrer, D. Léa Salies Fonseca, D. Myriam de Souza, Dr. Moisés Mendes Martins Jr., Prof. Alinor Ferreira). Nesse intervalo a estrada se tornou intransitável, com deslizamentos e quedas de pontes. No intuito de resgatar a escola, foi fundada a Sociedade Amigos do Buriti,

da qual pouco sabemos além do informado no artigo de Scheffder. Dos recursos levantados pela Sociedade a escola voltou às atividades em 1952; a capela foi erigida com os mesmos recursos em 1958; sendo reformada posteriormente com recursos oriundos em parte da Secretaria Estadual de Cultura de Mato Grosso, cuja obra foi concluída em 2010.

A partir de 1962 a *Central Brazil Mission* começou a entregar a gestão da escola aos brasileiros, tendo atuado como diretores “Prof. Raimundo Passos e D. Lívia, Prof. Ary Antonio Nogueira e D. Jean Thomson Nogueira (este casal deu novo impulso à escola, modernizando-a e construindo novos e amplas instalações, bem adequadas e funcionais) Rev. Adail Carvalho Sandoval e D. Clara, Prof. Eleni Alves Pereira e D. Josenir Gomes da Silva e D. Carmem, e a Prof. Catarina Rodrigues de Sales Moreira. (Scheffder).

Em 1964 começou a chegar alunos menores sem experiência em trabalhos rurais, o que fez a escola cobrar mensalidades contribuindo ao mesmo tempo para o arrefecimento das atividades agropecuárias até que cessassem. Em 1976, com o encerramento das atividades da Missão, a escola foi transformada em Fundação Educacional Buriti, gerida pelas Igrejas Presbiterianas de Cuiabá (atualmente são mais de 30, mas menos que dez jurisdicionam a Fundação, entre elas a Primeira Igreja Presbiteriana de Cuiabá e a de Chapada dos Guimarães).

O modelo curricular adotado no colégio sofre considerável alteração com a mudança de gestão dos norte-americanos para os nacionais, nos últimos anos de funcionamento o colégio adotava o sistema Positivo. Tal mudança ocorre antes do intervalo delimitado em nossa pesquisa. A gestão norte-americana dura até 1976, aproximadamente; quando é criada, no dia 19 de junho de 1976, a Fundação Educacional de Buriti – FUEB. Antes disso, alguns brasileiros tinham dividido a direção da escola com norte-americanos. Desde sua fundação até 1948, o casal Homero e Edit Moser, sendo o Homero Moser agrônomo, imprimiu à escola o caráter de escola-fazenda. Nessa fase os cursos não eram reconhecidos pelo poder público e tinham um modelo aproximado de colônia agrícola, sendo a escola o único meio pelo qual os de “vocaçãõ tardia” (adultos analfabetos) conseguiam educação primária; em troca, trabalhavam na fazenda cujos produtos ajudavam no sustento da escola.

A escola, ainda sem reconhecimento oficial, tinha uma missão confessional nessa época. As distâncias, dificuldades de transportes somados ao internato eram itens que se ajustavam a um público-alvo, o filhos dos fiéis, oriundo das comunidades em redor. O Rev. Floyd Grady, para quem a fazenda Buriti estava “num dos lugares mais belos do Brasil” (GRADY, 2012) e responsável desde 1948 pelo campo de Rosário do Oeste pioneiro em soluções logísticas para a Missão na região de Mato Grosso, introduziu o uso do avião em 1952. Antes, em 1948, ao chegar à região, o fez com um veículo militar que trouxera dos Estados Unidos, adaptado na base missionária em Salvador antes de deslocar-se para seu novo

campo em Rosário do Oeste. Este veículo ficou conhecido como “jipão”. No seu primeiro retorno aos Estados Unidos tirou seu brevê e, ao retornar, pilotava um avião de pequeno porte fazia vôos rotineiros entre os campos missionários, e o Buriti era uma das escalas comuns onde alunos eram deixados ou recebiam transporte de emergência. Havia outro avião em uso pela CBM, mas não atendia regularmente em Mato Grosso.

A esposa do Rev. Floyd Grady, sra. Loide Grady, era filha de missionários que atuaram na Guatemala. Ela descreve o colégio Buriti quando da sua chegada em 1948:

Buriti é uma fazenda e escola que tem estado em operação por 20 anos ou mais. A escola permanece fechada nos últimos dois anos por falta de dinheiro e pessoal. A terra da fazenda é a melhor da região, mas ainda não foi explorada como deveria. Mas a Missão não pretende abrir uma escola e ampliar a fazenda a não ser que haja evangelistas nos campos missionários para enviar os filhos dos crentes para a escola. Supostamente estes evangelistas somos nós. (Grady, May 1948)

Essas e outras descrições da escola aparecem na obra *Thriving Under Providence*, do Rev. Floyd Grady e sua filha, Dora Grady. Foi publicado nos Estados Unidos em 2012, principalmente a partir de diário e cartas do casal Grady. Entre outras informações, há a de que a fazenda-escola ainda não tinha previsão de reabertura; sua infra-estrutura era razoável, inclusive com energia elétrica de uma pequena turbina hidráulica e alojamentos confortáveis. Comentam também que a queda da ponte, se não resolvida, tornaria impossível, mesmo com o jipão, chegar a Cuiabá, pois na estiagem a trilha tomava mais de 4 horas até Cuiabá. Sob chuvas, seria impossível. Entre as tarefas urgentes estava o plantio de cebola, colheita de feijão e arroz, abate de porcos e a manutenção de uma pequena pista de pouso para atender ao curso secundário que seria reaberto. O casal Grady atendeu como pode a essas tarefas enquanto aguardava, no Buriti, a reunião da Central Brazil Mission que lhes designaria formalmente o campo de Rosário do Oeste. (Grady, 2012)

O casal Moser esteve fora da direção por dez anos, de 1942 a 1952. Nesse intervalo os responsáveis pelo Buriti eram os missionários Donald Reasoner e esposa. Na reunião da Central Brazil Mission Donald Reasoner, que sofria de artrite, sugeriu energicamente que os Grady, por serem jovens, deveriam gerir a o colégio até o retorno dos Moser; mas a CBM não atendeu ao pedido (Grady, 2012). Os pormenores do funcionamento dessa escola-fazenda ainda jazem em certa insegurança, pois ainda que vários documentos encontrados demonstrem o caráter primariamente agrícola da educação ofertada nesse período, entretanto nenhum que permita apreender contornos claros de um “currículo agrícola”. Por outro lado, há todo um projeto de assentamento elaborado no período, com plantas com divisões em glebas, vilas, áreas de manejo, visando uma reforma agrária no antes latifúndio da fazenda Monjolinho. Esse projeto pretendia fixar alunos egressos da escola nas áreas da fazenda.

Em carta de 04 de janeiro de 1962 e remetida do estado de Ohio, nos Estados Unidos, o Rev. George Chalmers Browne, (diretor apenas de 1960-1961) informa ao Presbitério de Cuiabá (instância que supervisiona igrejas presbiterianas de uma região) algumas impressões dele como diretor. Informa que até 1955-56 o curso oferecido era o “normal regional”, e em 1956 foi substituído pelo programa ginásial de três séries, ainda não reconhecido oficialmente. Para reconhecimento os alunos eram transferidos para outra instituição da mesma Missão, o Instituto José Manoel da Conceição em Jandira, no estado de São Paulo. Esta carta está em português; mas não é claro se foi redigida nesse idioma ou se o que encontramos é fruto de posterior tradução.

Essa carta também faz menção ao Dr. Erasmo da Silva como implantando um sistema de reforma agrária que pretendia fixar famílias, preferencialmente evangélicas; em parte da área. Outro documento, de data ainda incerta, mas de natureza epistolar, traz um estudo agropecuário sobre as sementes mais viáveis para produção de óleo comestível na fazenda Buriti e outras possibilidades de “agronegócio”, entre eles 20 reses de raça “holstein” a entrar em produção leiteira “naquele ano”. Essa carta, datilografada, é redigida por Dereath Palmer, nela consta manuscrito o nome Erasmo; e o título é bem sugestivo quando ao potencial trazido pela tradição escolar do Buriti: “sugestões de Dereath Palmer sobre o projeto de colonização coreana em Buriti Mato Grosso.” Em consulta *on line* ao *site* da Sociedade Histórica Presbiteriana revela um missionário agrônomo de nome Dereath Newton Palmer atuando no Brasil nos anos de 1960. Esta é única menção encontrada a países além dos Estados Unidos e Brasil envolvidos no Buriti. Apesar das datas não coincidirem com nossa delimitação inicial são importantes por que tomam como base o trabalho notadamente agrícola do casal Moser.

Dentre tantas interrogações que ainda podem ser feitas às fontes, resta saber o que houve com esse projeto de colônia educacional agrícola e quão dependente foi seu sucesso ou fracasso do currículo agropecuário proposto pelos Moser. Estas interrogações são importantes por que as fontes não placidamente esperando quem as desembrulhe. De forma ponderada, Nosella e Buffa (2009, p. 56) lembram que “o objeto de pesquisa não é um pacote fechado que o pesquisador abre e investiga. É um conjunto de possibilidades que o pesquisador percebe e desenvolve, construindo, assim, aos poucos, o seu objeto”. O pesquisador é quem se aproxima das fontes e a elas atribui significado, tanto no contexto de produção delas como no embate destas com outros atores e produtos sociais do mesmo período, ou entre elas e outras produções situadas noutra marco temporal do intervalo pesquisado; noutras palavras, é necessário o abordar as fontes no plano sincrônico e diacrônico (SAVIANI, 2006, p. 35).

Numa dessas descobertas que a *internet* proporciona, encontramos uma entrevista dada pelos Moser ao *Los Angeles Times*, em 26 de junho de 1986. No artigo, aparecem experiências nos primeiros anos do Buriti. Entre elas, que o analfabetismo atingia 98% da

população; e que tiveram de aprender a produzir açúcar, café e farinha de milho. Provisões levavam 3 dias para chegar “em carros de boi; e foi o único meio de consegui-las nos primeiros dez anos. Tínhamos de 50 a 60 alunos internos, e todos comiam à mesma mesa, nossos filhos e as crianças da escola”. (Moser, 1986).

Considerações Finais

Este clima familiar é um pouco diferente da atmosfera celibatária das escolas católicas; mas está longe de estampar um caráter ideologicamente carregado de imperialismo ianque como currículo oculto ou mesmo explícito. Tem, antes, traços escola-novistas, ao demandar um professor profundamente envolvido com o processo educacional e o educando, em lugar da abordagem tradicional de apenas transmitir o conhecimento. Também traz o aspecto inovador do envolvimento do aluno com o objeto de aprendizagem, no caso, o trabalho agrícola das salas de aula para as terras da fazenda.

Tais traços podem apontar rumos para futuras pesquisas, considerando a matriz norte-americana do movimento Escola Nova. Naturalmente que o Buriti passou por outras fases sob a direção dos Moser e recebia outras influências além dos pioneiros diretores. Novos olhares e novas descobertas de fontes certamente nos ajudarão a entender melhor qual a proposta da “escola agrícola” do Buriti sob a gestão dos Moser. Como se trata de uma fase ainda sob gestão da Missão e sem vistas a reconhecimento oficial, documentos do período parecem ter sido recolhidos aos arquivos da Missão ou a coleções pessoais do pessoal envolvido. Traduções e arranjos mais parecidos com a configuração atual de escolas reconhecidas começam surgir com os primeiros passos na direção da nacionalização

O estudo do colégio Buriti e do trabalho dos Moser é significativo pelo pioneirismo, ao transformarem as senzalas do antigo engenho em instalações educacionais presbiterianas, de antros de escravidão a lares da aprendizagem; tudo isto num momento de completa reengenharia educacional vivida pelo setor público que nem sempre atingia o interior do país; e de realinhamento das sedimentadas e antes exclusivas forças católicas que ofereceram educação em caráter filantrópico a brasileiros desguarnecidos pelo poder público.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Murilo Assis Silva, **Escola evangélica do Buriti: catálogo da documentação pedagógica (1925-1971)**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Mato Grosso. Orientador: Robson Felipe Viegas da Silva.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Forense, 2010.

LANDES, Mary Maud, **Database Index to Foreign Missionary Personnel Files**. PHS-Presbyterian Historical Society. Disponível em <<http://www.history.pcusa.org/dbtw-wpd/Textbase2/Missionary%20query2.htm>> Acesso em 18/04/2012.

LANDES, Philip Sheeder. **Resumo histórico do trabalho presbiteriano em Mato Grosso.** Cuiabá, 1958. Livro de Atas do Presbitério de Cuiabá, Vol 1. Arquivo do Presbitério de Cuiabá.

GRADY, E. Floyd; GRADY Dora. **Thriving Under Providence.** Disponível em <http://books.google.com.br/books/about/Thriving_Under_Providence.html?id=N09MHWrm49MC&redir_esc=y> Acesso em 01/02/2013.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática.** São Paulo: Hagnos, 2001.

MATOS, Alderi S. **Biografia: Rev. Philip Sheeder Landes.** Disponível em <<http://monergismo.com/alderi-souza-matos/biografia-rev-philip-sheeder-landes/>> Acesso em 18/04/2012.

MOSER, Edith e Homero, MOSER, **Missionaries Take Up New Challenge: Writing: Now Retired, Their Stories Describe Lives of Sacrifice and Dedication. Depoimento [26 de junho, 1986]** Los Angeles, *Los Angeles Times*. Entrevista concedida a Ursula Vils. Disponível em <http://articles.latimes.com/1986-06-26/news/vw-21486_1_medical-missionaries>. Acesso em 18/08/2012.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. **Fontes para a História da Educação:** documentos da Missão presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil. Maceió: EDUFAL; Aracaju: FAPITEC, 2008.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: por que e como pesquisar.** São Paulo: Alínea, 2009.

PALMER, Dereath Newton. **Database Index to Foreign Missionary Personnel Files.** PHS-Presbyterian Historical Society. Disponível em <<http://www.history.pcusa.org/dbtw-wpd/Textbase2/Missionary%20query2.htm>> Acesso em 03/09/2012.

RIBEIRO, Boanerges. **A Igreja Evangélica e a República Brasileira (1889-1930).** São Paulo: O Semeador, 1991.

SANTOS, Sérgio Ribeiro. **A inserção do Protestantismo em Cuiabá na Primeira República.** Sergio Ribeiro Santos, autor/editor, Cuiabá, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Breves considerações sobre fontes para a história da educação.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf>. Acessado em: 04/09/2012.

SCHEFFDER, Melanchton. **Pequeno Histórico Da Escola Evangélica Do Buriti.** Disponível em <<http://www.chapadadosguimaraes.com.br/buriti.htm>> Acesso em 25/04/2012.

Peródicos

A Penna Evangélica, nº 156 setembro – 1929. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso

O Matto Grosso, novembro/1915 a setembro/1916. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>> Acesso em 02/09/2012